

Coluna do Castello

Sarney analisa radicalização

Brasília — Surpreendido pela divulgação de comentários feitos na intimidade sobre sua intenção de devolver ao Presidente da República a presidência do PDS, tão logo seja registrado oficialmente o novo Partido, o Senador José Sarney, em conversa telefônica pouco antes do seu embarque para Bogotá como integrante da comitiva presidencial, não desmentiu a intenção mas acrescentou que, se tomar decisão nesse sentido, a comunicará antes de qualquer pessoa ao Presidente João Figueiredo.

Disse-me também o Senador que identifica no Ministro Golbery do Couto e Silva o principal motor, dentro do Governo, do processo de abertura e lamenta que as oposições não tenham compreendido ainda a delicada operação que, sob o patrocínio do Chefe do Governo, vem sendo por ele conduzida. Em meio a pressões contraditórias, o Ministro Chefe do Gabinete Civil tem aconselhado o Governo a avançar ou a deter-se, conforme a avaliação do quadro de resistências internas ou do quadro de provocações externas.

Por conta própria o Senador presidente do PDS tem procurado transmitir suas impressões e convicções aos dirigentes dos Partidos de Oposição, nos contactos pessoais, ainda não aprofundados, que teve com eles. Tem o Senador tornado explícito que desconfianças militares, às quais a Oposição não empresta o valor próprio, estão condicionando tradicionalmente o desenvolvimento da democratização. Os núcleos oposicionistas, dominados quase sempre pelos grupos radicais, preferem encerrar, segundo a avaliação do Sr Sarney, as resistências militares ao propósito de conter a abertura, senão de sustenta-la para revertê-la.

Há uma desconfiança recíproca que somente a negociação e o entendimento dos verdadeiros objetivos e métodos do Governo poderiam remover. A radicalização do PMDB, por exemplo, não poderá deixar de corresponder uma radicalização dos "bolsões sinceros mas radicais" do Sistema militar.

O presidente do PDS tem recebido informações que aparentemente explicam a desconfiança persistente relativa à democratização imediata do país. A primeira delas, já notória, relaciona-se com o sentimento dos militares que participaram mais ativamente da repressão, e dos seus comandantes, de que a anistia, com a qual concordaram, não os beneficiou. Hoje, os que foram presos, banidos ou exilados por suas ações subversivas pretendiam paralisar as Forças Armadas, encurralando-as mediante denúncias e inquisições sobre operações passadas do aparelho de segurança. A subversão foi anistiada, a repressão não.

Em segundo lugar, segundo a versão levada pelo Senador Sarney a chefes de Partidos oposicionistas, têm sido localizados, principalmente na área do II Exército, depósitos clandestinos de armas mais aperfeiçoadas do que as que estão em uso pelas Forças Armadas brasileiras. As armas seriam em quantidade apreciável e os depósitos descobertos indicam por si mesmos intenções de grupos extremistas de voltar à luta armada.

Outro indício de que a subversão estaria se rearticulando é o reativamento dos assaltos a bancos. Muitos desses assaltos são de natureza política e visariam a acumular fundos para um ressurgimento das tentativas de implantação de guerrilhas no país. Para os informantes do Senador Sarney, não lidam eles com versões mas com fatos e não há como negar que a política preconizada pelo Presidente Reagan, dos Estados Unidos, esteja sensibilizando setores que admitem a rearticulação de um movimento subversivo. Acredita-se que a operação desencadeada em larga escala na América Central, principal foco da ação revolucionária no Continente, na medida em que alcance resultados, desestimulará as remessas de armas ao Brasil feitas com o intuito de expandir, numa segunda etapa, a área de conflagração na América Latina.

O Governo brasileiro não endossou a nova política norte-americana e mantém-se fiel aos postulados da não intervenção e da autodeterminação. A atitude oficial brasileira, situada na linha do pragmatismo da política externa do Governo, não impede que militares como outras parcelas de opinião nacional empenhadas na contenção do comunismo encarem com esperança o êxito da ação do Presidente dos Estados Unidos.

O Maranhão sempre

Finalmente, o Senador José Sarney esclarece que não está montando propriamente uma fazenda em Luziania, nos arredores de Brasília, mas uma simples chácara de repouso para lazer eventual. Seus sonhos de lazer permanentemente continuam no Maranhão. Será na sua terra que procurará, quando cessar de lhe prestar os serviços que tenta prestar, o repouso do guerreiro.

Carlos Castello Branco